

MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: ASPECTOS REFERENTES AO EMPODERAMENTO FEMININO

Paloma Abelin Saldanha Marinho¹
Hebe Signorini Gonçalves²

Resumo:

O artigo apresenta os resultados da pesquisa de mestrado que teve como objetivo conhecer o processo de empoderamento de mulheres em situação de violência doméstica. Como panorama teórico, será apresentado o conceito de empoderamento e os principais debates relativos a este. Como metodologia, foi utilizada a pesquisa-intervenção em um grupo de reflexão em um Centro de Referência para mulheres em situação de violência no Rio de Janeiro. Como principais resultados da pesquisa, observa-se a pertinência do uso do termo empoderamento para os estudos de gênero e violência doméstica, a existência de múltiplos aspectos de empoderamento descritos na literatura, com destaque para a tensão individual/coletivo no processo e para a possibilidade de vivência do empoderamento dentro de um contexto favorável de suporte social.

Palavras-chave: Violência doméstica. Mulheres. Empoderamento.

WOMEN AND DOMESTIC VIOLENCE: ASPECTS RELATED TO EMPOWERMENT

Abstract:

The article presents the results of research that intended to investigate empowerment process of women suffering domestic violence. As theoretical frame, the article presents the concept of empowerment and the most important debates related to it. The method used was research intervention in a reflexive group in a reference Center for women in situation of domestic violence in Rio de Janeiro. The main results were the adequacy of the concept for gender studies research on violence against women, the existence of multiple aspects described in literature. From these aspects, we highlight the tension between individual and social empowerment and the possibility of empowerment within a context of social support.

Keywords: Domestic violence. Women. Empowerment

¹ Doutoranda pelo Programa de pós-graduação em Medicina Preventiva, na Universidade de São Paulo. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil E-mail: ppabelin@hotmail.com

² Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil E-mail: hebe@globo.com



MUJERES EN SITUACIÓN DE VIOLENCIA DOMÉSTICA: ASPECTOS REFERENTES AL EMPODERAMIENTO FEMENINO

Resumen:

El artículo presenta los resultados de investigación de maestría, que tiene como objetivos conocer el proceso de empoderamiento de mujeres en situación de violencia doméstica. En el marco teórico se sitúa el concepto de empoderamiento y sus principales ejes de discusión. La metodología utilizada fue la investigación-intervención en un grupo de reflexión en un centro de atendimento para mujeres en situación de violencia en Rio de Janeiro. Como resultados más importantes se destacan: la pertinência de la utilización del concepto de empoderamiento para los estudios de gênero y violencia, la existência de múltiplos aspectos de empoderamiento observados en literatura, destacandose la tensión entre individual y colectivo y también la posibilidad de vivir el empoderamiento en locales con fuerte suporte social.

Palabras clave: Violencia Doméstica. Mujeres, Empoderamiento.

1 INTRODUÇÃO

Para contextualizar o uso do termo empoderamento nos estudos de gênero e, mais especificamente, da violência de gênero contra a mulher, faz-se necessária a apresentação de algumas ideias.

Primeiramente, compreende-se para este estudo que a violência de gênero contra a mulher é expressão das relações desiguais de gênero entre homens e mulheres, na qual os homens ocupam um lugar privilegiado de detenção de poder em relação às mulheres (ALMEIDA, 2007).

Sobre o conceito de empoderamento, entende-se que este comparece em diversas áreas de conhecimento, com destaque para o uso do termo nos estudos de gênero. Nesse âmbito, o empoderamento feminino é compreendido como desafio às relações de poder desiguais (LEÓN, 1997).

A questão individual/coletivo é um dos mais frequentes debates na conceituação de empoderamento. Essa tensão aparece no uso do termo por Carvalho (2004), segundo quem, o empoderamento individual, ou psicológico, é uma ilusão. O empoderamento efetivo é o comunitário, que consiste em um processo que parte do enfrentamento de fatores referentes à estrutura de poder presentes na esfera micro e macrosocial, o que conseqüentemente implica na redistribuição do poder. Na perspectiva das transformações macro, Freire; Shor (2011) compreendem o empoderamento como um processo político que leva à liberdade de grupos dominados à libertação.

Na perspectiva dos estudos de gênero, para Rowlands (1995), existem três dimensões do processo de empoderamento feminino, essenciais para a compreensão dos resultados deste estudo de campo:

- Dimensão pessoal - desenvolvimento de autoconfiança e de crença nas próprias capacidades; abrandamento dos efeitos da opressão internalizada.
- Dimensão dos relacionamentos/interpessoal - desenvolvimento da habilidade de negociar e influenciar nas negociações e tomadas de decisão no âmbito dos relacionamentos interpessoais.
- Dimensão coletiva - ação coletiva baseada na cooperação; envolvimento político que pode acontecer em nível local ou em estruturas mais amplas.

Essencialmente, nos estudos de gênero, o empoderamento é desafio às relações de poder entre homens e mulheres, processo de superação das desigualdades entre homens e mulheres (LEÓN, 1997). De acordo com Batliwala (1997, p.193), o empoderamento é o “proceso de desafio de las relaciones de poder existentes, así como el de obtención de un mayor control sobre las fuentes de poder.”

Além desses aspectos, considera-se que o empoderamento é processo único e não linear conforme León (2001) e inclui componentes psicológicos, econômicos políticos e cognitivos (STRONQUIST, 1997). Nos processos de empoderamento baseados nessas concepções, os agentes externos são aqueles que facilitam o processo de empoderamento e dão suporte a esse processo, deixando o papel de protagonismo do processo para as mulheres (ROWLANDS, 1997).

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a pesquisa-intervenção. A pesquisa-intervenção é um campo disperso, múltiplo e fluido. Pode-se compreendê-la como uma maneira de olhar para uma determinada forma de construção do conhecimento - aquela que se dá pela intervenção do pesquisador. Parte-se da direção do “intervir para conhecer” (MARASCHIN, 2008). É a entrada do pesquisador no campo e sua relação com este que irá instaurar um processo de conhecimento, e não o desvelamento de uma realidade a priori. Algumas características importantes da pesquisa-intervenção são a implicação como constitutiva do ato de conhecer, a pesquisa que se dá como processualidade e a problematização dos lugares instituídos, por meio da qual, [...]

o pesquisador e os saberes acadêmicos não esclarecem/interpretam a realidade no curso da investigação, mas [...] o processo se constrói coletivamente entre as instituições em jogo (ROCHA; UZIEL, 2008, p. 532).

A atuação no campo neste trabalho, com o objetivo de conhecer os processos de empoderamento vividos pelas mulheres em situação de violência assistidas por um 'Centro de Referência para mulheres em situação de violência', por meio da observação-participante de encontros de um grupo de reflexão para mulheres, durante os meses de abril a julho de 2013. Destaca-se que a participação no grupo se deu na condição de pesquisadora.

3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

3.1 CARACTERÍSTICAS DO GRUPO ESTUDADO

Os grupos são considerados uma estratégia de sucesso na instituição. Quase todas as mulheres que desejam dar continuidade ao processo de enfrentamento da violência - seja por meio da denúncia, do rompimento da relação ou da reflexão sobre a situação vivida - são encaminhadas ao grupo de reflexão, campo desta pesquisa. Os objetivos do grupo são promover a reflexão a respeito das situações de violência vividas pelas mulheres, dentro de um contexto de questionamento das relações sociais de gênero desiguais.

Para o alcance dos objetivos propostos, promovem-se dinâmicas e tópicos disparadores de conversas, provocação de reflexões e de trocas entre as mulheres, informações sobre direitos e estratégias de fortalecimento da autoestima das mulheres.

Participaram do grupo no período da observação em torno de seis a oito mulheres. A faixa etária das mulheres variou entre 30 e 65 anos e as ocupações profissionais eram variadas (costureira, massagista, dona de microempresa, funcionária administrativa), mantendo-se constante o fato de que todas as mulheres que passaram a frequentar o grupo de forma regular eram independentes financeiramente. As mulheres também moravam em partes variadas do estado do Rio de Janeiro, o que pode ser explicado pela localização central da instituição.

A violência vivida pelas mulheres era, em sua maioria, doméstica e conjugal, mas também havia vivências de violência intrafamiliar. Sobre a caracterização dos episódios de violência relatados, alguns se baseavam em uma ideia de mulher

provocativa e culpada pela possibilidade de motivar casos de investimentos sexual por parte dos homens, o que fica claro por meio de relatos variados das mulheres participantes do grupo:

A Daniela³ mesmo relatou que em uma ocasião, ela estava voltando pra casa do enterro de um familiar e pegou um taxi. Quando chegou em casa, seu marido a acertou com a corrente do portão, o que a deixou bastante machucada de acordo com seu relato. Ela disse que não entendeu o que tinha acontecido e, depois de apanhar muito, ouviu seu marido dizer que ela veio no banco da frente do táxi e, por isso, era sinal de que “estava aprontando ou querendo aprontar com o taxista”. Diário de Campo de 07/06/2013.

Nisso, a Julia disse que o ex-namorado dela dizia a ela sempre que mulher que anda no banco da frente do taxi quer alguma coisa com o taxista. Diário de Campo de 07/06/2013.

A Renata então lembrou que uma vez pegou um taxi pra voltar pra casa e sentou na frente. O taxista passou o trajeto fazendo pedidos sexuais para ela em troca de não pagar a corrida. Ela não saiu do taxi, mas ignorou o taxista até a chegada a sua casa. Em algumas mulheres essa história do taxi causou espanto, em outras não. Diário de Campo de 07/06/2013.

As situações de violência e opressão nas vidas dessas mulheres estão também na referência implícita ao contrato sexual e patriarcal.

A Daniela retornou à questão do “contrato”, sobre o qual ela sempre fala sem usar essa palavra. Contou: “Às vezes, me bate uma culpa da última discussão que eu tive com o meu ex-marido. Ele já tinha parado de me bater, de me agredir... Mas ele queria cama comigo todo dia, todo dia, e eu já com aquele nojo dele. Aí ele quis um dia e eu disse que não, que não queria. E aí a gente brigou e eu decidi ir embora e deixar ele lá. Mas às vezes eu fico pensando... Será que não era melhor ter dado pra ele? Dizer sim logo? Porque ele não me batia mais, isso já tinha acabado... Aí às vezes eu fico pensando nisso...” Diário de Campo de 28/06/2013.

Fica claro, dessa maneira, o quanto o contrato sexual e patriarcal está presente na vida mulheres. Por meio desse relato, percebe-se que, na relação entre o casal, a relação sexual forçada faz parte de um cotidiano do casamento. É esperado que a mulher cumpra esse papel enquanto um dever. A violação sexual está na rotina dessa relação. Impor-se contra essa violação resulta na violência por parte do parceiro, que objetiva devolver a mulher a um determinado lugar de submissão patriarcal.

³ Os nomes de todas as participantes do grupo foram trocados, de modo a preservar suas identidades.

3.2 CONDIÇÕES OBJETIVAS PARA O PROCESSO

Observa-se que as mulheres que participam deste grupo encontram-se em condições que provavelmente dão suporte para que elas possam viver o processo de enfrentamento da violência.

Das seis mulheres que mais frequentam o grupo, três são profissionais autônomas e se sustentam a partir de suas ocupações e outras três estão empregadas. Todas possuem renda própria e não dependem financeiramente de outras pessoas.

As mulheres autônomas organizam seus horários de forma a estarem presentes no horário do grupo e as mulheres em empregos formais têm liberação de suas chefias para a participação.

Parece que a renda e o suporte nas relações de trabalho servem como condições objetivas necessárias - ainda que não suficientes - para que as mulheres possam estar envolvidas em uma atividade que as leve a um melhor enfrentamento das situações de violência nas quais vivem ou viveram.

3.3 A DIMENSÃO INDIVIDUAL DO EMPODERAMENTO

Aparece, na fala das mulheres que frequentam o grupo, um processo de fortalecimento de si, que compõe o processo de empoderamento. Rowlands (1997), ao analisar as dimensões do empoderamento feminino, aponta para a construção da autoestima, autoconfiança, sentido de possibilidade de transformação e de dignidade como fatores que compõem a dimensão individual do empoderamento.

Daniela. (...) falou que viveu muitas agressões, que não teve infância nem adolescência, porque viveu as agressões da mãe porque o pai batia nela. Disse que estava se fortalecendo por dentro- “Eu juntei os bagaços que o pai dos meus filhos deixou e tô me refazendo”. Diário de Campo de 19/04/2013.

O trecho acima exemplifica que as mulheres vivendo esse processo, na esfera pessoal, vivem um caminho de transformação a partir dos sofrimentos vividos, recompõem-se frente às vivências de violação e, assim, reconstroem-se.

3.4 DIMENSÃO INTERPESSOAL DO EMPODERAMENTO

O investimento nessa dimensão aparece na construção de redes de apoio a partir do grupo. Rowlands(1997) e Kabeer (1997) apontam a experiência das relações sociais como ponto de partida para transformações na dimensão

interpessoal do empoderamento. No espaço do grupo as mulheres se identificam com as histórias umas das outras:

“E eu tô ouvindo todo mundo contar as histórias aqui e tô pensando que esse grupo tá aqui me ajudando a elaborar várias coisas... Eu achei que ia só ouvir umas histórias parecidas, mas é bem mais que isso...” Diário de Campo de 28/06/2013.

Os vínculos que começam a se formar no grupo, e o apoio mútuo entre as mulheres, leva a que elas se comuniquem fora desse espaço, fortalecendo as redes de solidariedade que a literatura aponta como importantes para o empoderamento das mulheres. A construção da rede na comunicação entre duas participantes do grupo, que também aparece fora desse espaço, serve para combinar a ida de uma delas ao grupo:

Como o grupo mudou de dia, em um momento as psicólogas estranharam o fato de a Lucinda ter aparecido, mas aí ela disse que Graça havia avisado a ela da troca do dia. Diário de Campo de 12/04/2013

Como apontado no trecho abaixo, as próprias mulheres constroem relações de cuidado entre elas:

Nisso, a Renata chegou e ela estava usando o cabelo de uma forma diferente. Em geral está preso, e hoje estava solto. Eu e a Graça falamos quase ao mesmo tempo: “Ih, cabelo diferente!” e “Ficou bonita!”. A Renata sorriu e falou: “É, tá mais solto!” e então sentou. A Graça falou: “Renata, você tava na passeata ontem? Eu vi e lembrei de você! Pensei ‘ah, a Renata com certeza foi pra lá’, você e minha filha, Renata, as duas adoram passeata. Ai meu Deus, que preocupação, tenho que te levar pra morar na minha casa!” Diário de Campo de 21/06/2013.

Aspectos relativos à participação de uma das mulheres chamaram a atenção para a importância de as próprias mulheres - e não apenas as profissionais envolvidas no suporte - se tornarem agentes externas e coterapeutas do grupo. A coterapia é um conceito da terapia sistêmica que entende os participantes/clientes/pacientes em uma relação terapêutica como possíveis terapeutas uns dos outros (Fischman, 1985).

Graça, que frequenta o grupo regularmente desde o ano passado, aos poucos passou a desempenhar um papel importante de incentivadora da participação das mulheres no grupo. Alguns trechos apontam para isso:

A Daniela não aparecia há alguns encontros. A psicóloga disse: “Há quanto tempo, hein! Que bom que você veio!” e a Daniela respondeu: “A Graça me ligou ontem e eu vim”. E a Graça falou: “É! Ontem eu pensei nela e liguei: Cadê você? Vamos lá amanhã!”. Diário de Campo de 07/06/2013.

A situação de fazer parte do grupo e ainda assim se tornar uma agente externa para alguém apareceu quando as próprias mulheres passaram a fazer

intervenções importantes umas para as outras no grupo, provocando reflexões e marcando pontos de vista diferenciados.

O empoderamento que se dá por meio das relações interpessoais está bem descrito na literatura consultada. Entretanto, a ocupação por parte das mulheres do papel de agente externa, mesmo sendo elas o foco inicial da intervenção grupal é um resultado pouco, ou nada, explorado pelos autores estudados e pode se configurar em estratégia potente de estender o processo para outras mulheres e de fortalecer o próprio processo de empoderamento.

Entende-se que, se forem encontradas formas de expandir esse tipo de movimento, em que algumas pessoas que frequentaram centros de referência começam a provocar reflexões, repassar informações importantes e a chamar mulheres para participar de atividades que deem suporte a elas, todas as ações desses equipamentos podem ganhar muito em potência de intervenção.

3.5 DIMENSÃO INDIVIDUAL E INTERPESSOAL DO EMPODERAMENTO

É consenso, entre as pesquisadoras do empoderamento, que as dimensões se superpõem e que, frequentemente, as mudanças em uma dimensão provocam transformações em outras.

Foi observado que existe no grupo um incentivo forte à autonomia das mulheres e acredita-se, que este incentivo atue nas dimensões individual e interpessoal por estar fortemente relacionado à forma como as mulheres podem agir em seu entorno.

Uma das expressões disso é que, no grupo, as regras são construídas de forma coletiva:

Na parede, tinha um papel pardo grande com algumas regras: sigilo, respeito consigo e com os outros, sinceridade sem desrespeito, grupo laico, o horário do grupo, que foram decididas em reuniões anteriores. (...) [a psicóloga] Falou sobre a questão do respeito na convivência no grupo, que o que elas vivessem no grupo, a forma como elas vivessem, poderia ser reproduzido lá fora, inclusive o respeitar os outros e ser respeitada. 'Diário de campo de 12/04/2013.

O estabelecimento do respeito como regra no interior do grupo pode apontar para a exigência desse mesmo respeito fora desse espaço. Ainda, o fato de as mulheres serem ouvidas no momento da construção das regras e fazerem parte dessa construção já é a ocupação de um papel de protagonismo.

3.6 DIMENSÃO PEDAGÓGICA PRESENTE NO PROCESSO

A prática pedagógica é apresentada por Freire e Shor (2011) como estratégia essencial para o alcance do empoderamento. Dentro dos estudos feministas, Stromquist (1997) constrói uma matriz composta por diversas dimensões interdependentes e promotoras de empoderamento, das quais a dimensão pedagógica faz parte. De acordo com essa dimensão, as mulheres aprendem conteúdos novos, especialmente sobre direitos e cidadania.

Observa-se que o componente pedagógico de fato faz parte do processo de empoderamento promovido pelo grupo:

A [psicóloga] aproveitou bastante a dinâmica pra falar sobre o que é esperado de homens e de mulheres, pra dizer que isso é construído e, por isso, pode ser modificado. Foi um momento um pouco pedagógico mesmo, ela estava ensinando um pouco sobre a construção cultural dos nossos papéis sociais, ainda que de forma leve e não autoritária. Esse tom pedagógico me lembrou que, nos dois primeiros encontros do grupo aos quais fui, duas mulheres falaram sobre o grupo: “Aqui, a gente aprende várias coisas que a gente não sabia”. Diário de Campo de 03/05/2013.

3.7 O PAPEL DA DENÚNCIA NO PROCESSO DE EMPODERAMENTO

As denúncias utilizando a lei Maria da Penha estão presentes nas histórias de algumas das mulheres que participam do grupo. Nem todas lançam mão desse instrumento, podendo viver seus processos de empoderamento fazendo uso ou não da denúncia. Mas aquelas que o utilizam parecem dar sentidos diferentes a esse uso:

Para a Aline, por outro lado, a denúncia teve um lugar diferente: “Pra mim, o ápice disso tudo, de começar a perceber quem realmente meu marido era, de parar de idealizar, de ser eu, de ser uma pessoa independente, foi no dia que eu pisei naquela delegacia e denunciei! Pra mim foi o auge disso tudo!”. Diário de Campo de 10/05/2013.

Ainda assim, aparecem também percalços relativos a esse processo:

Daniela disse também que o ex-marido ligou recentemente pra ela: “Se eu for pra cadeia, eu ainda te vejo nem que seja dentro de uma caixa”. Ela disse que riu na cara dele, mas logo depois falou que estava com muito medo. Ela entrou com pedido de medida protetiva contra o ex-marido, mas aparentemente ele não recebeu notificação nem da denúncia nem da medida. Diário de Campo 19/04/2013.

Fica claro também que a informação repassada para as mulheres que denunciam é pouco acessível e pouco clara:

Quando a Daniela se apresentou, falou que foi buscar o resultado do pedido das medidas protetivas e só deram a ela um papel onde estava escrito: “indeferido” em várias linhas. Ela não entendeu o que tinha acontecido e não deixaram que ela tirasse uma cópia desse documento. Ela falou que estava desanimada porque achava que iam deixá-la pelo menos ter a casa dela de volta. A psicóloga falou para ela marcar com a advogada para elas

pensarem em como ter acesso àquele documento. Isso foi reforçado individualmente ao final do encontro. Diário de Campo de 07/06/2013.

O enfrentamento desses percalços no grupo, como apontado no trecho acima, acontece também por uma estratégia pedagógica - a oferta da assistência jurídica para uma melhor compreensão da situação. Nesse sentido, a dimensão pedagógica do empoderamento também comparece aqui, promovida pelas psicólogas e pela instituição.

Dado que nem todas as mulheres desejam lidar com a violência com a qual convivem por meio da denúncia, o apelo em termos de mídia para que elas denunciem pode se tornar um entrave para a busca por ajuda. A falta de informação a respeito da função de um centro de referência, que é um meio potente de suporte às mulheres, adicionada ao apelo para a denúncia nos meios de comunicação podem deixar as mulheres sem a informação de que é possível ter suporte institucional sem fazer a denúncia.

Nesse sentido, propõe-se um questionamento: será que é frequente as mulheres desejarem ter suporte, mas não o buscarem, por medo de serem incentivadas ou exigidas a fazer uma denúncia? Se sim, é importante investir no apelo à busca por suporte institucional - existente e em expansão - no lugar da propaganda da denúncia, ainda que esta desempenhe um papel importante no enfrentamento.

Defende-se que a informação sobre a existência da lei Maria da Penha e os procedimentos relativos à denúncia sejam divulgados e se consolidem como instrumentos de garantia dos direitos das mulheres (POUGY, 2010). Ainda assim, acredita-se na importância de as mulheres explorarem outros meios de superação das situações de violência - o que enriquece o processo vivido por elas - e que exista um cuidado para que elas não se desresponsabilizem de possíveis tomadas de decisão envolvidas no rompimento de uma situação de violência, que ultrapassam o uso da denúncia.

4 O CUIDADO DE SI NO PROCESSO

O processo de empoderamento parece permeado/atravesado/composto por uma construção de um cuidado de si. O conceito de cuidado de si formulado por Foucault (1985) em *A História da Sexualidade III* e elaborado a partir da problematização da sexualidade dos gregos na Grécia Antiga, está inserido nas

tecnologias de si, uma entre quatro (que incluem também as tecnologias de produção, de sistemas de signos e de poder), dentro da perspectiva da não subordinação a formas de dominação e assujeitamento.

A história relatada por Foucault explica que o sujeito do cuidado de si, em oposição a uma natureza originária, de um sujeito fundamentado em verdades pré-estabelecidas, é “um sujeito que se constrói, que se dá regras de existência e conduta, que se forma através de exercícios, das práticas, das técnicas, etc.”. (GRÓS, 2008, p. 128). Nesse sentido, a história do cuidado de si é a história do sujeito se constituindo, a partir do seu olhar sobre si mesmo, dos exercícios e das técnicas de subjetivação, caminhando no sentido da configuração de um sujeito ético. Isso não significa, entretanto, que o sujeito do cuidado de si seja autossuficiente e que sua constituição aconteça de forma recortada em relação ao mundo. Pelo contrário, essa constituição acontece integrada com o tecido social e pode ser motor de ação política.

O cuidado de si é cuidado ético: sempre relacionado ao cuidado do outro, sempre inserido no contexto mesmo que produzindo uma distância dele. Essa distância permite a ação sobre o contexto, ação refletida e posterior à análise da realidade, não uma ação urgente. O sujeito do cuidado de si não escapa do mundo, mas produz uma distância que permite um olhar refletido para o mundo e mobiliza a ação política.

As práticas de empoderamento são também práticas de cuidado de si – o cuidado ético ao qual Foucault se refere. São práticas de construção de um cuidado, de constituição de si como sujeito, passando por um olhar para si e caminhando no sentido do fortalecimento, da serenidade, sabedoria e coerência com o que se acredita. São também práticas inseridas no tecido social – cuidar de si é um cuidar ético porque não ignora o cuidado do outro, não se desconecta de um olhar solidário e, ainda, ao se distanciar das urgências da realidade, permite a mobilização de uma ação política mais ampla.

Em todos esses aspectos, o cuidado de si sintoniza-se com os processos de empoderamento. Como exposto anteriormente, o empoderamento está na tensão entre o individual e o coletivo e se dá como um processo efetivo quando o fortalecimento de si é acompanhado também das transformações nas relações interpessoais, nas atividades solidárias e, muitas vezes, na construção de projetos políticos mais amplos.

Como implicam a constituição de um sujeito ético, as práticas de empoderamento no campo da violência contra a mulher devem também atentar para a rigidez ou flexibilização das normas que propõem para a vivência dos processos. É importante atentar para que o empoderamento não seja ele próprio um caminho de dominação, no qual se estabelece uma fórmula que deixa pouco espaço para uma constituição mais livre de si, ainda que essa constituição esteja apoiada e sustentada pela sociedade. No raciocínio proposto por Foucault (1985), isso equivaleria a substituir uma normatividade rígida por outra, deixando pouco espaço para que o sujeito elabore suas formas de cuidado e alimentando, portanto, a subordinação.

O olhar para si, a mudança nas formas de se cuidar, de se comportar perante os outros - a construção de uma nova estética de si - parece estar presente nos processos de enfrentamento vividos pelas mulheres:

Renata falou que, antes de chegar ao grupo, ela parou de beber e parou de fumar maconha. Disse que bebia muito, mas que agora parou, como se fosse uma preparação para um processo na sua vida. Diário de Campo de 19/04/2013.

Ela disse que o grupo já estava ajudando ela a se reorganizar e a reorganizar sua vida. Diário de Campo 19/04/2013.

Na constituição do referido cuidado de si, o enfrentamento é formado por fases de conquistas e de mudanças de atitude, mas também por momentos de falta de crença nos próprios recursos, desejo de retomar os relacionamentos violentos e episódios profundos de tristeza.

A compreensão das variações que são parte dessas vivências contribui para diminuir a angústia dos profissionais que atuam com as mulheres em situação de violência - os agentes externos e auxiliá-los a acolher as decisões e atitudes das mulheres, mesmo quando estas parecem caminhar no sentido oposto do protagonismo.

5 AS INTERVENÇÕES E O PAPEL DOS AGENTES EXTERNOS

As intervenções das psicólogas aconteciam não só na proposição das dinâmicas, mas no sentido de provocar reflexões e subsidiar uma compreensão mais clara dos acontecimentos vividos pelas participantes. As colocações das psicólogas eram bastante certeiras com as mulheres nos encontros dos grupos. Elas

também eram responsáveis pelo estabelecimento e manutenção das regras do grupo.

Em uma situação em que uma das participantes se descreveu como uma pessoa dependente,

A psicóloga apontou para o fato de que ela estava vivendo um processo de independência, que é ela quem trabalha, que ela foi fazer a denúncia, que tinha começado acompanhamento psicoterápico e estava no grupo, ela já estava fazendo muitas coisas. Diário de Campo de 26/04/2013.

Destaca-se aqui que a perspectiva de atuação percebida no centro de referência pesquisado é cuidadosa e protetora em relação às mulheres. Almeja que as próprias mulheres, de maneira individual e coletiva, construam autonomia, cuidado de si e reflexão sobre os papéis sociais de gênero. É válido destacar também que essa perspectiva de atuação é possível dentro de um contexto em que feministas no Brasil reivindicaram que existissem equipamentos de assistência às mulheres em situação de violência e para que esses equipamentos atuassem de maneira atenta às relações patriarcais.

6 MUDANÇAS PROVOCADAS PELO GRUPO

O grupo aparece na fala das mulheres como instrumento de suporte para o processo que elas vivem, estratégia já descrita anteriormente na literatura como exitosa como suporte à promoção do empoderamento feminino (CHABLÉ, 2007; CORDERO ET AL., 2008; MENEGHEL ET AL., 2003, 2005; MENEGHEL, FARINA E RAMÃO, 2005). Após algum tempo frequentando o grupo, as mulheres relatam:

Em seguida, Julia, que frequenta o grupo há mais ou menos um ano, se apresentou e falou que apanhou várias vezes e voltou várias vezes para o marido, mas que agora tinha se separado e queria continuar separada, que antes ela recuou muito, se sentiu muito frágil, mas que, com o grupo, voltou a ser a pessoa forte que era antes desse relacionamento. Diário de Campo de 12/04/2013.

Graça, quando se apresentou, disse que estava no grupo desde o ano passado e completou: “Olha, você que tá chegando aqui, o grupo mudou a minha vida, eu comecei a viver depois do grupo”. Diário de Campo de 10/05/2013.

Leia disse também que, no grupo, ela entendeu que era escrava e empregada da casa, que antes do grupo ela achava isso normal. Diário de Campo de 24/05/2013.

A mudança provocada pelos encontros do grupo aparece de formas variadas, inclusive nas interações das participantes, nas modificações de comportamento e de percepção das histórias de violência.

A mudança das percepções das mulheres sobre violência pôde ser observada na seguinte dinâmica. As mulheres foram divididas em grupos para discordar ou concordar com as frases: mulher gosta de apanhar; em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher; ruim com ele, pior sem ele; a mulher provoca a violência física do homem; ele pode não saber por que bate, mas ela sabe por que apanha; o homem bate na mulher porque usou drogas/álcool; os agressores de mulheres também são violentos com todo mundo; a mulher não se importa de ser maltratada; algum motivo forte levou o agressor a fazer o que fez.

No meu grupo (eu, Julia, Graça e Helena), a Julia e a Graça diziam: “Ai é muito difícil defender essas frases!”, mas elas todas tentaram encontrar argumentos para a atividade. Mesmo assim, estava bastante claro que elas discordavam das frases. A Julia falou de situações em que ela chegava em casa e o ex-namorado batia nela mas ela não entendia a razão. Entretanto, ela falou isso muito certa de que era ele quem estava errado. Na hora das defesas e argumentações, todas as mulheres participaram e quase todas discordavam das frases. Até o “ruim com ele, pior sem ele” foi criticado por elas. Diário de Campo de 07/06/2013.

Em outra situação, foi possível observar a mudança na percepção:

Percebi que as mulheres falaram bastante hoje. A Renata falou de forma bastante direta sobre a questão do “contrato”, que até então era tratada com alguma naturalização pelas participantes do grupo, ainda que fosse questionada pelas psicólogas. A Helena contou um pouco sobre histórias de sua vida, o que aconteceu pouco até agora. Parece que a Daniela passou por alguma reflexão das últimas semanas para essa, porque questionou pela primeira vez esse contrato criticado pela Renata. No final do encontro, lemos um texto sobre transformação, de pessoas que são milho e, pelos problemas que enfrentam na vida, tornam-se pipoca. As mulheres gostaram bastante. A Helena falou: “Ih, então tô virando pipoca!”. Diário de Campo de 21/06/2013.

Quando a Daniela se apresentou, eu fiquei impressionada com a mudança na forma de apresentar sua vida. Ela disse: “Eu tô aqui há um ano e pouco. Na semana passada, a gente falou sobre culpa, né? Eu disse que sentia culpa porque me separei do meu ex-marido porque não queria mais fazer sexo com ele, eu tinha nojo. Mas ele não me batia mais... Mas eu saí de casa. Eu acho que todos os homens são iguais e que eles só querem sexo mesmo, mas eu saí daquela casa. Com a roupa do corpo e nunca mais voltei. Eu não quero nem saber se ele tá vendendo minhas roupas, que me contaram que ele tá dando por aí minhas roupas, minhas coisas, mas eu não quero nem saber. Eu me visto assim e todo mundo diz ‘como você se veste bem!’, mas é tudo de brechó, porque eu não volto mais praquela casa. (...)A casa é da Daniela e os objetos da casa são dela e de seu ex-marido por conta da união estável. A psicóloga perguntou como estava a partilha e a Daniela respondeu que estava na Vara de Família para fazer a “desunião estável”, mas que não queria mais nada. Diário de Campo de 05/07/2013.

O grupo parece, portanto, trazer de forma visível para as próprias mulheres e outras pessoas, mudanças em suas atitudes e sentimentos em relação à violência e em relação às suas vivências de forma ampla.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se, a partir dessa pesquisa, a pertinência do termo empoderamento para os estudos de gênero e violência de gênero contra a mulher. Há coerência entre os aspectos encontrados na literatura e os encontrados no campo.

Compreende-se, a partir das observações realizadas no campo da pesquisa, que o empoderamento é um processo não linear, mas possível dentro de um contexto que parte de condições objetivas, na construção de um suporte e rede solidárias, mesclando estratégias que atuem no individual e no interpessoal, em uma elaboração de formas de cuidado de si livres e em contato com seus desejos e possibilidades. A construção da rede de solidariedade, a utilização da estratégia grupal e a possibilidade de que as próprias mulheres protagonizem os processos, assim como o suporte por parte de agentes externos, contribuem para a promoção desse processo.

Acredita-se que o conhecimento desses elementos como promotores de um contexto favorável para a promoção do empoderamento feminino pode contribuir no debate e nas ações voltadas para mulheres em situação de violência. Entretanto, cada realidade deve ser bem conhecida e as singularidades respeitadas dentro dos cenários de discussão e ação, sempre inseridos na esfera política da qual prescinde o processo de empoderamento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sueli Souza. Essa violência mal-dita. In: _____ (Org.). **Violência de Gênero e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, Magdalena (org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fé de Bogotá: T/M Editores, 1997.
- CARVALHO, Sergio Resende. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção da Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, n.4, p.1088-95, 2004.
- CORDERO, Wilian de Jesús Aguilar ; et al.. Tejiendo sueños e tiñendo fracasos: experiencias de mujeres artesanas en una comunidad Maya em Yucatán, México. **Estudos Sociais**, México, v.16, n.32, jul./dec.2008.
- CHABLÉ, Elia M.S. et al.. Fuentes de ingreso y empoderamiento de las mujeres campesinas en el municipio de Calakmul, Campeche. **Política y Cultura**, México, n. 28, p. 71-95, 2007.
- FISHMAN, Charles. **Tratando Adolescentes com Problemas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Iria. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 13 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- GRÓS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- KABEER, Naila. Empoderamiento desde abajo: Qué podemos aprender de las organizaciones de base? In: LEÓN, Magdalena. (org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fé de Bogotá: T/M Editores.1997.

LEÓN, Magdalena (1997). El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo. In: LEÓN, Magdalena. (org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fé de Bogotá:T/M Editores, 1997.

LEÓN, Magdalena (1997). El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. **La Ventana**, México, v.2 ,n. 13, p.107-36, 2001.

MARASCHIN, Cleci. Pesquisa-intervenção em debate. In: CASTRO,Lúcia Rabelo de; BESSET, Vera Lúcia. (orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Faperj/Nau, p. 459-64. 2008.

MENEGHEL, Stela Nazareth; FARINA, Olga; RAMÃO, Silvia Regina. Histórias de resistência de mulheres negras. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.3, p. 567-73, 2005.

MENEGHEL, Stela Nazareth; FARINA, Olga; RAMÃO, Silvia Regina. Impactos de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, n.4, p. 955-63, 2003.

POUGY, Lilia Guimarães. Desafios políticos em tempos de Lei Maria da Penha. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 13, n.1, p.76-85. 2010.

ROCHA, Marisa Lopes e UZIEL,. Paula. Pesquisa-intervenção e novas análises no encontro da Psicologia com as instituições de formação. In: CASTRO, Lucia Rabelo; e BESSET Vera Lúcia (orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**, Rio de Janeiro: Faperj/Nau, p.532-56, 2008.

ROWLANDS, Jo. Empoderamiento y mujeres rurales en Honduras: un modelo para el desarrollo. In LEÓN, Magdalena (org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fé de Bogotá: T/M Editores. 1997.

ROWLANDS, Jo. Empowerment examined. **Development in Practice**, v.5, edição 2, 1995.

SILVA, Alcione Leite da. Pesquisa-ação participantes no processo de empowerment de mulheres brasileiras no contexto da migração internacional. Escola Ana Nery **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 750-57.2008.

STROMQUIST, Nelly. La búsqueda del empoderamiento: en qué puede contribuir el campo de la educación. In: LEÓN, Magdalena (org.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Santa Fé de Bogotá: T/M Editores, 1997.

